Série Memória 167

Editada pelo Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura

A Capitânea "Vitória-Régia"

Almir Diniz*

Jornalista, prosador e poeta

Folheio, com avidez, e certa angústia, meu secreto livro da memória, procurando alguma informação, um resquício de lembrança qualquer, sobre o destino que teriam dado à "Vitória-Régia".

Há-de o leitor prontamente perguntar-se, se observador for, o porquê de a "Vitória-Régia" e não, simplesmente vitória-régia, sem a partícula definidora.

Razão terá o acurado ledor. Porque vitória-régia, no caso, não se trata da famosa uapé, a notável, e de certo modo lendária e mística "rainha-das-águas", a inigualável flor dos pântanos e charcos, a deusa das águas paradas e mornas. Mas, sim, de uma bela canoa de forma, trabalhada em itaúba rio-negrina, a soberba capitânea das canoas-de-



capim da várzea do Cambixe, com seus 40 palmos de comprimento e arqueamento perfeito, sempre calafetada com esmero e sempre pintada de azul. Ela sempre embalou meus sonhos de juventude, de um dia tripulá-la, na condição de capineiro – que era uma casta privilegiada e reconhecida entre as rústicas profissões da singular atividade criatória em terras alagadiças.

A última vez que vi a "Vitória-Régia", a deusa encontrava-se descansando de sua mais recente e árdua missão cíclica, acondicionada no interior de uma casa tipo maromba construída, especialmente, para abrigá-la no seu recesso de todo ano. Para ela e, para ser justo, também, de sua parceira de labuta anual, a "Floresta", verde como os pastos artificiais da propriedade, medindo 37 palmos, de proa à popa, e muito charme, desde que muito esguia e faceira.

O tempo passou.

Anos decorridos, voltando à minha várzea querida, quis rever a bela "Vitória-Régia". Nem ela, nem a "Floresta". Sequer a maromba que as abrigara. A casa-tipo, ao fundo do qual ficava o paiol onde eram guardados jerimuns "caboclo" e de "leite" além de milho empalhado destinado ao suplemento alimentar dos xerimbabos da "Fazenda Acaraú" durante as enchentes. Fazenda... – que fazenda? – Na verdade uma pequena chácara onde não havia mais de 100 cabeças de bovinos e uns quantos suínos da raça "baié" e outros pequenos animais de terreiro.

Contristado, recolhi a indagação que me propunha fazê-la, sobre o destino dado às duas canoas. Deduzi que teriam sido descartadas em face da extinção dos imensos canaranais do Lago do Rei e de seus 68 tributários, destruídos pela ignorância dos catadores de ovos de tracajá, ou, simplesmente, por pura maldade.

Da "Vitória-Régia", que eu saiba, não restou, sequer, uma única fotografia. Uma pena porque já me propusera a colocá-la num salão a ser construído, à moda de museu, com o intuito de preservar a memória de importante fase da colonização da várzea Careiro-Cambixe.

Revejo-a, porém, em pensamento, na nobreza de suas linhas clássicas, sempre pintada de azul, magnífica no seu talhe de leveza plena, orgulhosa, por certo, da condição de capitânea. Ei-la, soberba, exibindo notável poder de flutuação cortando, maneira e ligeira, após liberta da carga de capim, as águas barrentas do Paraná do Cambixe ou, singrando, pesada, o delírio líquido do majestoso Lago do Rei, com o "serrote" perfeito da carga verde de canarana. Lá vem ela, pelo mar da lembrança, esbanjando beleza, gravada na tela mental da recordação eternamente agradecida dessa visão imorredoura de minha meninice e juventude, que não se esvae nunca.

Ah! "Vitória-Régia", se artista plástico eu fosse haveria de te imortalizar como obra-prima do gênio da tanoaria. A ti, "Vitória-Régia", o soneto:

CANOA

Lá vem a canoa, mansamente,
na impulsão dos remos – primitiva! –
vem deslocando espumas, ternamente,
num suave ondear, como o da brisa.

Vem vagarosa, vem contra a corrente
semeando rumores, sensitiva...
no rebojo que forma, de repente,
desenvolve sua essência criativa.

Toldando de sorrisos cristalinos
o banzeiro que beija os murerus
e a canarana embala e encanta a vista...

Vem mansa, ciciando tons divinos,
murmúrios, cantos tais, que sem supus
coubessem num soneto nativista.

*Autor de 25 títulos entre os quais:
Corpo de Mulher, Paiol de Lembranças e A Virgem de Taipa.

A juventude é uma das nossas maiores preocupações. Terá atenção especial com o fomento do esporte, espaços culturais e educacionais que possam assegurar a formação de gerações saudáveis e preparadas a vencer os desafios de um mundo globalizado e competitivo, proporcionando um futuro melhor para as nossas próximas gerações...

Eduardo Braga
Discurso proferido pelo Governador Eduardo Braga
na sessão solene de posse em 1º de janeiro de 2003.

Série Memória



8ª edição – n.º 167 – novembro-2009

Governador do Amazonas
EDUARDO BRAGA

Vice-Governador do Amazonas
OMAR AZIZ

Secretário de Estado da Cultura
ROBÉRIO BRAGA

Assessor de Edições
ANTÔNIO AUZIER

CULTURA
Secretaria do Estado


AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
www.amazonas.am.gov.br



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 [92] 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

